

VITRINE DE CURIOSIDADES

BOIA DE SINALIZAÇÃO MARÍTIMA A PETRÓLEO

Metal e têxtil (torcida)
Séc. XX (1.º quartel), EUA
MAH.R.1994.0215

Esta peça pertence à Unidade de Gestão de Náutica e Aeronáutica do Museu de Angra do Heroísmo. Trata-se de uma peça fabricada nos Estados Unidos da América, provavelmente no 1.º quartel do séc. XX, pela Anthes Force Oiler Co., sob a designação de “Anthes Flame Guard nr. 1701”. Era uma boia flutuante, para sinalização marítima geral, alimentada a petróleo, provavelmente para ser usada em águas abrigadas, na entrada de portos, barras, rios ou canais, numa época em que não haveria outras soluções, pois ainda vinham longe os tempos das baterias autónomas e dos acumuladores alimentados com energia solar.

Até bastante tarde, os países que praticavam navegação marítima utilizavam os seus próprios meios de sinalização. Foi apenas em 1980 que, no Japão, as nações marítimas, reunidas em Tóquio, subscreveram uma convenção universal que ficaria a ser conhecida como convenção I.A.L.A. (International Association of Marine Aids to Navigation and Lighthouse Authorities). Essa convenção estabeleceu um sistema de sinalização marítima, dividindo o mundo em duas regiões, A e B, em que apenas as marcas laterais divergem, correspondendo, provavelmente, a antigas tradições. Para a região A, em que se insere Portugal, a convenção estabelece que as marcas laterais (balizas), na entrada de portos, canais, barras e rios, devem ser deixadas por EB (estibordo) quando verdes e por BB (bombordo) quando vermelhas. Na região B, (Américas e parte do sudoeste asiático) é ao contrário.

Este tipo de boia aparece com frequência em *sites* de antiguidades e de leilões, sendo designada como uma peça “vintage”. Este exemplar, em particular, pertencia à antiga Junta Autónoma do Porto de Angra do Heroísmo (JAPAH) e foi doada ao MAH em fevereiro de 1994, pelo diretor de então, Eng.º Ribeiro Pinto, numa época em que este Museu tinha relações estreitas com a JAP, devido à extensa e profícua colaboração desenvolvida entre as duas entidades, no contexto do projeto da prospeção arqueológica de emergência realizado na baía de Angra do Heroísmo, por volta de 1995, antes da construção da atual marina, no qual o MAH desempenhou um papel central, através do extinto Grupo de Arqueologia Subaquática da Associação de Amigos do Museu de Angra do Heroísmo.